

José Luís Guterres Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros e Cooperação

“Queremos manter o português”

CRISTINA PERES

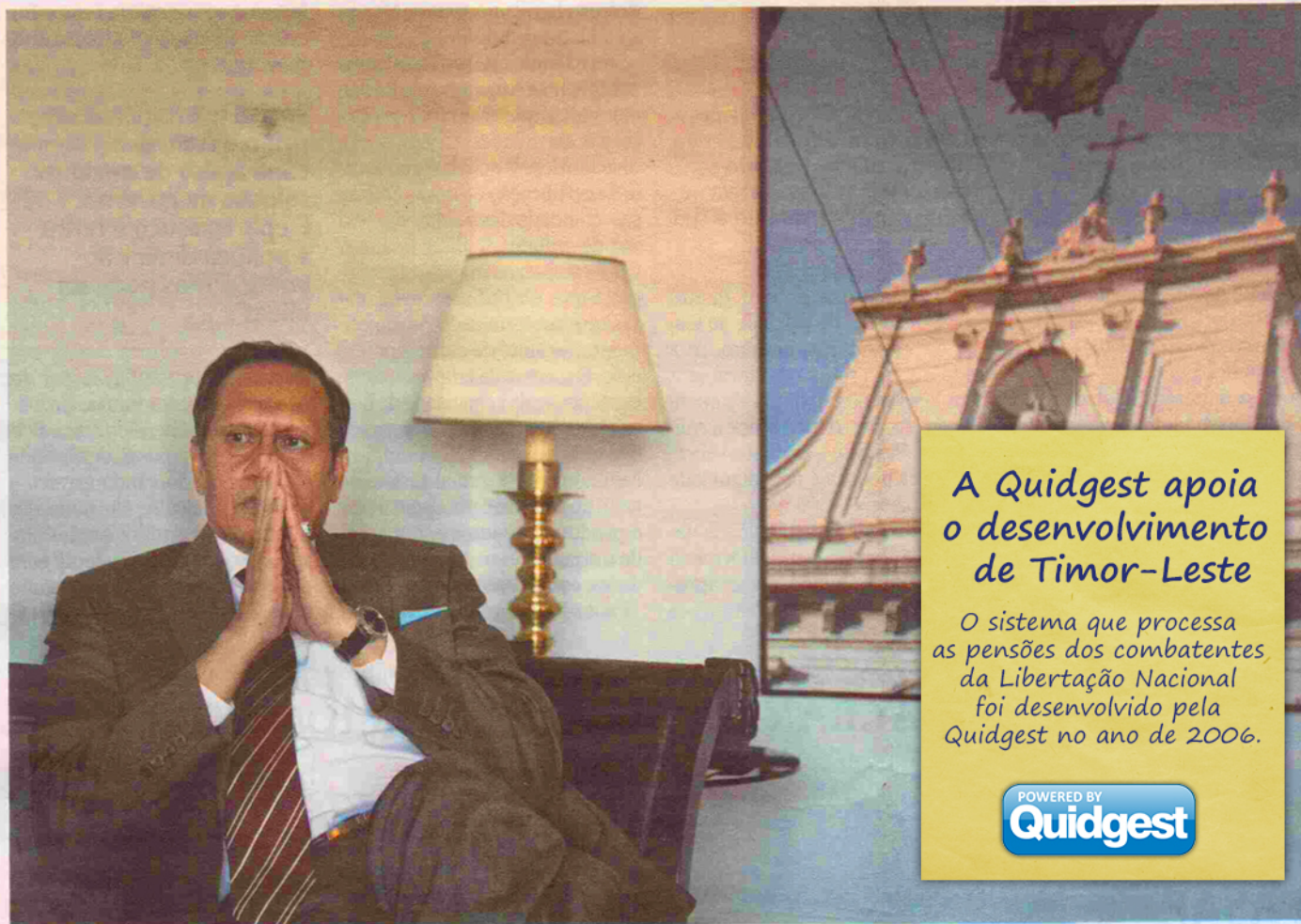
A fraternidade entre Portugal e Timor-Leste foi sublinhada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros (MNE) timorense, que falou ao Expresso durante a sua visita a Lisboa. José Luís Guterres tinha o seu homólogo Paulo Portas, o primeiro-ministro e o Presidente da República na agenda, dedicou um dia à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e reservou tempo para reunir com empresários portugueses. Convencer estes últimos a tomar Timor-Leste como base dos seus investimentos na zona da Ásia e do Pacífico é a ambição deste país que tem crescido 10% ao ano e tem a ambição de alcançar o estatuto de país de rendimento médio/alto em 2030. Até lá, está a investir nas infraestruturas necessárias para acolher o investimento estrangeiro.

Timor-Leste pode aproximar a CPLP da região asiática?

Consideramos a CPLP como uma família que nos tempos difíceis da luta de Timor-Leste demonstrou fraternidade. Não foram questões económicas que fizeram com que os povos da CPLP expressassem nessa altura a sua total solidariedade conosco. Vamos assumir a presidência da CPLP em 2014 e queremos fazê-lo com dignidade, mantendo as políticas positivas que já foram experimentadas.

Isaac Murarguy, o secretário-executivo da CPLP, disse recentemente que a comunidade tem de ser repensada. A opção de Timor-Leste será conservadora?

Já se iniciou o processo de repensar a CPLP, estamos a avaliar em que áreas devem incidir os nossos esforços. Timor-Leste está a decidir qual vai ser a sua contribuição, mas não vemos a CPLP só como uma associação económica ou política, não é só a língua, é muito mais do que isso. Esse elemento emocional que liga os nossos povos e países tem de ser cada vez mais consolidado.



José Luís Guterres: “O mínimo que um Estado pode fazer é reconhecer os direitos dos idosos” FOTO JOSÉ VENTURA

Qual é a posição de Timor-Leste relativamente à candidatura da Guiné Equatorial à CPLP?

Ainda não foi possível chegar a consenso, mas desde que o país se comprometa a cumprir os requisitos achamos bem.

O português foi a língua da resistência timorense no passado. O que deve ser hoje, a par do tétum e do inglês?

Pouco menos de 300 milhões de pessoas falam português em oito países todos eles membros da ONU e localizados em vários continentes. Hoje, não só Portugal e Brasil, mas Angola e Moçambique, são países que têm cada vez mais voz ativa a nível internacional. Quanto à ciência e tecnologia, não creio que comparativamente aos países de língua inglesa, espanhola ou francesa a comunidade dos países que falam português seja meno-

rizada. Acreditamos que essa comunidade tem uma vitalidade e importância para o futuro. Queremos manter a língua portuguesa ao mesmo tempo que introduzimos outras como o mandarim, o japonês e o coreano e a língua indonésia. São todas importantes para a nossa inserção regional.

Timor-Leste acaba de ser eleito por unanimidade dos 62 Estados-membros para presidir à Comissão Económica e Social para a Ásia-Pacífico da ONU (UNESCAP). Que impacto a nível interno e regional?

É uma honra para nós, em particular para o nosso primeiro-ministro, Xanana Gusmão. Analisando a prestação dos IV e V Governos, que ele chefiou, impulsionámos o desenvolvimento depois de termos conseguido estabilizar a situação de seguran-

ça e defesa, introduzimos políticas sociais que praticamente não existem na região asiática. Damos uma pensão mensal de \$30 (€23) a todos os idosos com mais de 60 anos, começámos a dar pensões aos veteranos da luta de libertação nacional, e começámos a fazer grandes investimentos em infraestruturas. De 2007/8 até 2012, a nossa economia cresceu em média 10% ao ano. Temos um plano de desenvolvimento nacional que prevê que, em 2030, Timor-Leste possa ser um país de rendimento médio/alto.

Esta eleição reconhece o desenvolvimento económico e social do país. Quais são as suas parcerias privilegiadas?

Temos o espaço da CPLP e temos o da organização regional que é a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), à

A Quidgest apoia o desenvolvimento de Timor-Leste

O sistema que processa as pensões dos combatentes da Libertação Nacional foi desenvolvido pela Quidgest no ano de 2006.

POWERED BY
Quidgest

A SOCIEDADE HOJE

“Temos uma democracia dinâmica, uma sociedade civil ativa, uma oposição experimentada e uma população muito interessada nos assuntos nacionais. O programa de TV mais visto são os 20 dias de discussão do Orçamento do Estado em direto”

“A igualdade do género implica que os homens têm de contribuir para a igualdade de oportunidades. Se a mulher não participar na economia, não sei como ela avançaria”

qual fizemos um pedido oficial de adesão. Somos, ainda, membros observadores do Fórum das Ilhas do Pacífico. Queremos ter voz em todos os fóruns internacionais relevantes para nós. A relação com Portugal e com a União Europeia é extremamente importante. O conjunto dos países europeus, além do know-how e experiência, dos valores democráticos e direitos humanos, apoiaram-nos durante a nossa luta. Apesar da crise, uma Europa forte é um elemento essencial para um melhor equilíbrio de forças em todo o mundo.

O fundo do petróleo é uma garantia, mas que tipo de investimentos estrangeiros quer Timor-Leste captar? Quais as primeiras questões a atacar?

O fundo do petróleo tem hoje \$13 mil milhões, mas todo esse dinheiro é controlado pelo Parla-

mento Nacional e só pode ser investido em áreas que garantam as gerações presentes e futuras. Fizemos inicialmente investimentos conservadores em títulos de baixo risco, mas a verdade é que passámos de um PIB per capita de \$472 (€366) em 2002 para \$6000 atualmente. Ainda temos parte da população no limiar da pobreza, mas estamos a utilizar o fundo para melhorar a vida de todas as pessoas: não queremos elites. Temos uma taxa de desemprego muito alta e estamos a criar condições infraestruturais para captar o investimento de pequenas e médias empresas estrangeiras. Ter todo o território coberto por linhas de alta tensão, instalação de fibra ótica que servirá a comunicação, a educação, as finanças... melhorar as estradas, o porto e o aeroporto.